

GONZAGA, “LIRA XIX” E A MULHER: Identificando os operadores de leitura da poesia na produção de sentidos e avaliando seu aprendizado em sala de aula

Jeciely Ildefonso de Oliveira¹ - UNIOESTE

Nathascha Hoffmann Marczinski² - UNIOESTE

Profa. Orientadora Dra. Ellen Mariany da Silva Dias³ - UNIOESTE

RESUMO: O presente artigo é resultado de uma análise produzida na matéria de Introdução aos Estudos Literários, do Curso de Letras Alemão/Espanhol/Inglês da UNIOESTE - campus de Marechal Cândido Rondon, cujo corpus é a “Lira XIX”, de Tomás Antônio Gonzaga, analisado a partir dos quatro estratos/níveis para leitura de poemas, a saber: gráfico, fônico, morfossintático e semântico. A seguinte análise tem como finalidade apresentar uma melhor visualização de como estes quatro níveis aparecem dentro do poema e como eles dialogam entre si para a formação de sentidos. Ademais, a partir dos mesmos, no decorrer da produção deste trabalho, foi possível contemplar o contexto e as marcas históricas que demonstram o papel da mulher na sociedade no século XVIII relacionado à maternidade, este último como algo intrínseco a mesma. Por fim, a conclusão do trabalho visa a ressaltar a importância de análises como a descrita acima tanto para o aprendizado dos estratos supracitados e demais elementos que envolvem a leitura e interpretação de poemas quanto para a formação do acadêmico como futuro docente mediador de leitura literária.

PALAVRAS-CHAVE: Lira XIX, Tomás Antônio Gonzaga, estratos para leitura de poemas.

INTRODUÇÃO

O estudo apresentado no seguinte artigo relaciona o aprendizado acerca dos estratos para leitura de poemas e a importância desse exercício para o entendimento e fixação desses conteúdos, por meio da análise produzida em sala de aula da “Lira XIX”, de Tomás Antônio Gonzaga. Visto que o exercício se fez base para a assimilação dos fundamentos envolvidos, produzimos esse artigo a fim de expor o método utilizado e nossa experiência com ele. Para isso o objeto foi devidamente analisado com o auxílio da docente responsável pela disciplina de Introdução aos Estudos Literários a partir dos quatro aspectos para análise de poemas, sendo o gráfico, o fônico, o morfossintático e o semântico, e com vistas a interpretar de maneira ampla o poema em questão e compreender o contexto e os elementos que o compõem.

Isto posto, o presente estudo é composto de quatro partes, iniciadas pela: a) análise do poema em si, envolvendo os níveis supracitados e toda a interpretação construída acerca do mesmo; b) discussão sobre a representação da mulher no século XVIII; c) avaliação das dificuldades e facilidades encontradas, ao longo da realização do exercício tido como gerador de conhecimentos; d) considerações finais que abarcam os pontos explanados.

ANÁLISE DA POESIA

A poesia analisada é a parte I da “Lira XIX”, de autoria de Tomás Antônio Gonzaga, que se encontra no livro Marília de Dirceu (1997) e é resultado de um exercício ministrado na disciplina de Introdução aos Estudos Literários pela professora responsável com a finalidade de fixar os conteúdos acerca dos estratos para leitura de poemas, usando-se como base a apostila de Maria Beatriz Zanchet (2012), que organiza didaticamente, os níveis: gráfico, fônico, morfossintático e semântico. O exercício realizado em sala consistiu em, primeiramente, identificar e descrever estes elementos no corpo do poema para, posteriormente, compreender o modo como se inter-relacionam na produção de

99



www.unila.edu.br

UNILA

sentido e efeitos estéticos.

Lira XIX

Enquanto pasta alegre o manso gado,
Minha bela Marília, nos sentemos
À sombra deste cedro levantado.
Um pouco meditemos
 Na regular beleza,
Que em tudo quanto vive, nos descobre
A sábia natureza.

Atende, como aquela vaca preta
O novilhinho seu dos mais separa,
E o lambe, enquanto chupa a lisa teta.
Atende mais, ó cara,
Como a ruiva cadela
Suporta que lhe morda o filho o corpo,
E salte em cima dela.

Repara como cheia de ternura
Entre as asas ao filho essa ave aqueita,
Como aquela esgravata a terra dura,
E os seus assim sustenta;
Como se encoleriza,
E salta sem receio a todo o vulto,
Que junto deles pisa.

Que gosto não terá a esposa amante,
Quando der ao filhinho o peito brando,
E refletir então no seu semblante!
Quando, Marília, quando
Disser consigo: “É esta
“De teu querido pai a mesma barba,
 “A mesma boca, e testa.”

Que gosto não terá a mãe, que toca,
Quando o tem nos seus braços, c’o dedinho
Nas faces graciosas, e na boca
 Do inocente filhinho!
Quando, Marília bela,
O terno infante já com risos mudos
Começa a conhecê-la!

Que prazer não terão os pais ao verem
Com as mães um dos filhos abraçados;
Jogar outros a luta, outros correm
 Nos cordeiros montados!
 Que estado de ventura!
Que até naquilo, que de peso serve,
 Inspira Amor, doçura.



O primeiro estrato analisado foi o gráfico, o qual compreende o título, a divisão estrófica, a disposição do poema no espaço e sua pontuação. Conforme Zanchet (2012, p. 1), “a própria disposição das palavras no texto pode – e sugere – efeitos muito interessantes de sentido, que só o aspecto espacial é capaz de revelar”. Assim, identificamos o título “Lira XIX” e, a partir dele, notamos relevantes informações sobre o poema. Inicialmente, identificamos que o próprio título já supõe que este tenha um ritmo de leitura que enfatize a musicalidade - visto que o título remete às liras - instrumentos utilizados por trovadores para acompanhar suas canções. Além disso, sua numeração “XIX” sugere uma sequência, considerando que o poema é elemento da obra *Marília de Dirceu*. A obra, publicada em Lisboa, em 1792, consiste em um apanhado de liras que seguem uma ordem enumerada, e que tiveram como musa inspiradora uma moça chamada Maria Doroteia Joaquina de Seixas Brandão, de quem Tomás fora noivo, e a qual foi representada pela personagem Márilia, enquanto Tomás personificou-se em Dirceu.

Em seguida, contemplamos a divisão estrófica. O poema é dividido em 6 estrofes, contendo 7 versos cada. Os versos 1, 2, 3 e 6 possuem 10 sílabas métricas. Os versos 4, 5 e 7 apenas 6 sílabas métricas. Essa divisão se repete em todas as estrofes e a mesma pode se justificar pela musicalidade que o eu-lírico pretende conferir ao poema. A partir disso, o espaço que a poesia ocupa se dá de maneira esteticamente padronizada. Em relação à pontuação, a lira possui vírgulas localizadas em lugares estratégicos que colaboram com a leitura de maneira melódica e de modo a enfatizar alguns vocativos, tais como em: “Atende mais, ó cara,” e “Quando, Marília, quando” a fim de chamar a atenção da personagem Marília a quem o eu-poemático se dirige nos versos seguintes energicamente; note-se o ponto de exclamação: “Quando der ao filhinho o peito brando, / E refletir então no seu semblante!”. Isto revela uma visão maravilhada por parte do eu-lírico em relação a uma projeção de futuro compartilhado com sua amada que terá um filho seu.

Dessa forma, a partir do primeiro estrato, constatamos que o poema foi composto de maneira a conferir musicalidade ao mesmo, e isso é corroborado pelo próprio título e por estes elementos brevemente aqui descritos.

O segundo estrato diz respeito à metrificacão, ao esquema de rimas e às figuras de som. Em relação à metrificacão, o poema possui versos com quantidades de sílabas métricas diferentes, porém, demonstrando uma regularidade. Como aponta Cândido (1997, p. 117) em relação às produções de Gonzaga, “mais de uma lira é voltada à tarefa quase didática de mostrar à bem amada a naturalidade do amor, mostrando-lhe a ordenação das coisas naturais. [...] a beleza aparece como contemplação singela da regularidade das coisas”. Nesse sentido, podemos identificar os traços de simplicidade e proximidade com a natureza que os próprios árcades demonstram, como expõe o próprio Cândido (1997, p. 117) ao falar sobre “a recuperaçãõ da naturalidade, cujos artifícios foram os primeiros árcades, encontra em Gonzaga a nota fundamentalmente humana.”. Como se pode notar, há uma tentativa de reproduzir no poema a compreensãõ que os poetas árcades tinham em relação à natureza, como nos versos: “Um pouco meditemos/Na regular beleza,/Que em tudo quanto vive nos descobre/A sábia natureza”. A partir disso, através da disposiçãõ dos 42 versos nas 6 estrofes, é notável a regularidade na colocaçãõ da quantidade de sílabas métricas, visto que, em todo o poema, os três primeiros versos e o penúltimo de cada estrofe contêm mais sílabas que os demais, tendo 10, enquanto os mais curtos têm 6. Sendo assim, essa padronizaçãõ que o eu-lírico produz representa sua perspectiva da própria natureza. Nesse sentido, de acordo com ele, em se tratando de poesia e natureza, até na irregularidade existem motivaçãõ e invariabilidade.



Dando sequência, em relação ao esquema de rimas, há predominância de rimas pobres sobre as ricas - o que pode reforçar a simplicidade exaltada na lira, rimas de igualdade fônica e rimas femininas, dando ênfase na feminilidade expressa no poema, que se centraliza na maternidade. As mesmas estão dispostas de maneira cruzada e com a ocorrência de versos brancos - sempre no penúltimo verso de cada estrofe - a alternância das rimas e do verso branco pode ter sido pensada a fim de fazer fluir a musicalidade da lira. O uso dos versos brancos quebrando a sequência de rimas também forma uma regularidade - sempre no penúltimo verso - e demonstra que até nesta quebra há um padrão. Com isso, o eu-lírico pretende reforçar a regularidade da natureza, como supracitado, e do tema maternidade: além de convencer a amada, criando uma argumentação elaborada, há o objetivo de demonstrar a vontade do mesmo ter um filho com Marília.

Ainda, dentro do estrato fônico, estão contempladas as figuras de som presentes na lira, uma delas é o enjambement. Este consiste em uma proposição que inicia uma ideia em um verso e a termina em outro, fazendo com que o primeiro não tenha total sentido sozinho. Sendo assim, nos versos 15 e 16, é possível perceber um exemplo de tal recurso com clareza: “Repara como, cheia de ternura,/entre as asas ao filho essa ave aqueuta”, elemento que se repete no decorrer de todo o poema. O uso dessa figura justifica-se no reforço da musicalidade e também no efeito de continuidade que ela provoca, reforçando, no campo semântico, a proposta de regularidade estética e temática que o eu-lírico apresenta. Em seguida, encontramos aliteração das consoantes /f/, /m/, /r/, /s/, /t/, e /z/, as quais colaboram para a musicalidade, além de poder garantir um efeito sacro e venerável à maternidade exaltada na lira, principalmente com as aliterações em /s/ e /z/. Por fim, a assonância das vogais /a/, /e/ e /o/ também contribuem para a musicalidade, visto que se apresentam com entonações fortes e marcadas.

Por meio do terceiro estrato, percebemos a ausência de metaplasmos, pois os poetas árcades queriam se distanciar dos exageros do Barroco, adotando um estilo de escrita simples. Quanto à escolha lexical, observamos a predominância de verbos e de substantivos. Estes fatos podem ser justificados pelo assunto principal da lira; baseando-se nas ações de fêmeas de vários animais, o eu-lírico pretende convencer Marília e alcançar seu objetivo que é ter um filho com ela. Por isso a predominância de verbos e substantivos para enfatizar a ação em detrimento das características das fêmeas.

Segundo Roncari (2012),

[...] a poesia de Tomás Antônio Gonzaga realiza com soltura e desprendimento o novo ‘estilo simples’. Despojando-se dos artifícios da linguagem engenhosa dos culteranos (metáforas, hipérbatos, perífrases, latinismos, termos raros, antíteses, contrastes, surpresas causadas por aproximações distantes etc.), o poeta procura agora aquilo que ele entende por ‘naturalidade’: a expressão clara e perfeitamente inteligível, desprovida de enigmas e obscuridade, que flui dentro de uma linha melódica suave. O ritmo poético lembra o som singelo da flauta dos pastores e pastoras nos campos amenos da Arcádia. (RONCARI, 2012, p.242)

Analisando as oposições, há a predominância do feminino em relação ao masculino pois, como já foi mencionado, a lira trata da questão feminina que é a relação de mãe e filho. O



tempo verbal, em grande parte do poema, é o presente, exceto nas três últimas estrofes, que se apresenta no futuro, insinuando a futura maternidade de Marília. O plural é utilizado, na grande maioria das vezes, ao tratar do eu-lírico e Marília juntos, opondo-se ao singular, utilizado para descrever a maternidade animal em cada comparação. Essa oposição dá-se pelo fato de destacar o tema principal da lira: a maternidade como algo único e maravilhoso na vida, transmitindo, assim, valores da poesia árcade, que é a sintonia do homem com a natureza.

Referente aos aspectos sintáticos, a anáfora é encontrada e justificada pela repetição da palavra “como”, por exemplo, devido às comparações feitas ao longo do texto. A repetição da palavra “quando”, na quarta estrofe, sugere a futura maternidade de Marília. Com a figura de som epizeuxa, é ressaltada a palavra “quando”, na intenção de reforçar a supracitada maternidade. Com a repetição dos conectivos “e” e “que”, há a ocorrência do polissíndeto, reforçando a musicalidade ao repetir conectivos simples, sem usar sinônimos mais elaborados. Há utilização do hipérbato em vários trechos do poema, a saber, “A sombra deste cedro levantado/ um pouco meditemos”, recurso utilizado para manter-se a sonoridade desejada para a lira. A elipse é encontrada nos últimos versos da quarta estrofe, omitindo a palavra “mesmo”, mas sem modificar a compreensão, para não se tornar repetitivo.

O quadro e último estrato, o semântico, trata do assunto, do tema e das figuras de sentido do poema. Quanto ao tema, a lira aborda a maternidade com foco no desejo do eu-lírico de ter um filho com Marília e as comparações das diferentes maternidades na natureza, exaltando esta ação com o objetivo de convencer a amanda. A principal figura que dá sentido ao poema é a comparação, assim justificando a anáfora na palavra “como” e auxiliando na musicalidade argumentativa de Gonzaga, como afirma Roncari (2012):

O poeta não abusa das figuras de linguagem, como as metáforas, nem dos enigmas, dos jogos de palavras e de sentidos, e não está voltado para a ‘produção da maravilha’, [...] para a comoção do ouvinte ou do leitor. O sentido está antes voltado para convencer a sua pastora do valor e da sinceridade dos argumentos com que defende o seu amor, e para o agrado e encanto do leitor, que simpatiza com a delicada musicalidade da lira e bom senso do pastor. (RONCARI, 2012, p.278)

Então, partir da análise da lira e de todos os elementos que a compõe, foi possível identificar relações marcantes no que tange à figura da mulher na sociedade da época e de seu papel, especialmente no que diz respeito à maternidade, apresentada como uma virtude no decorrer do poema. Nesse ponto, é notável que o eu-lírico produz uma argumentação composta por uma série de comparações com a natureza e a maternidade presente nela, a fim de mostrar à Marília as belezas e maravilhas da naturalidade e regularidade de ser mãe, com a finalidade de, então, ter um filho com ela. Isto projeta, de acordo com o imaginário árcade, a harmonia entre homem e natureza, posta como uma espécie de receita para a felicidade.

Dessa forma, a “Lira XIX” reflete o contexto histórico do período de maneira clara, revelando o papel da mulher na época. Sendo assim, segundo Santos (1981, p. 35-48), as obras literárias provenientes do séc. XVIII trazem a imagem da mulher como subalterna, mostrando como ela era referenciada apenas para situações de trabalho doméstico e cuidado dos filhos. Soma-se a isto o fato de que, ao longo da lira, apenas o eu-poético se manifesta, o que contribui para a construção da afirmação do ponto de vista masculino e do lugar social que o homem dá à



mulher.

Isto posto, a análise de todos os estratos, os pontos de vista das autoras em relação aos conteúdos aqui estudados e o auxílio da professora foram fundamentais para a construção dessa análise crítica, revelando, também, o que está por trás de sua produção, tendo, especialmente, como base o contexto histórico e as potencialidades semânticas e estéticas da “Lira XIX”.

ANÁLISE DO DESENVOLVIMENTO FINAL

O exercício nos foi aplicado pela professora que ministra a disciplina e consistiu em uma análise da parte I da “Lira XIX”, de Tomás Antônio Gonzaga, a fim de garantir a fixação dos conteúdos acerca dos elementos que constituem os poemas, no que se refere aos quatro estratos já apresentados. Com a realização desta atividade, ficaram claras nossas facilidades e dificuldades na realização de tal exercício. Os processos de escansão e de observação da qualidade e do gênero das rimas foram dificuldades encontradas ao longo da tarefa, e que compreendem os estratos fônico e óptico. Para a análise de alguns aspectos - sintático, estrato semântico e estrato morfossintático -, foi necessária a orientação da professora, de modo que a mesma esclareceu todas as dúvidas, mesmo que essas tenham sido poucas e pontuais.

Portanto, compreendemos que os estratos que mais apresentaram dificuldades foram o óptico e o fônico, principalmente por se constituírem de elementos especificamente teóricos e desconhecidos até então, enquanto os dois últimos estratos se mostraram mais claros e simples. Nesse sentido, também foi possível notar que os dois primeiros estratos conferem sentido semântico à lira e, apesar de se tratarem de elementos estruturais, colaboram fortemente para a produção de sentido e para o entendimento do poema como um todo. Nesse sentido, depois de analisá-los, os estratos morfossintático e semântico se fizeram muito mais claros e descomplicados e foram resolvidos rapidamente pelos.

Após efetivado este exercício, a análise de poemas tornou-se mais eficiente. Os conceitos, agora, estão mais claros e a atividade é realizada com maior facilidade e rapidez. O poema é um grande quebra-cabeça e, juntando-se todas as peças, conseguimos extrair, e porque não, construir seus sentidos e efeitos estéticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Isto posto, a partir de todos os aspectos analisados no decorrer do exercício, são notáveis as relações que podem ser feitas entre a poesia e a realidade presente na época, principalmente no que tange ao papel da mulher na sociedade, bem como o desenvolvimento dos alunos em relação ao conteúdo aplicado e à compreensão do mesmo de maneira satisfatória. Por meio dessa análise, notamos fortes relações com a visão não só do eu-lírico mas, também, da própria instância criadora da lira, no que diz respeito à posição da mulher no século XVIII e seu papel na sociedade, visto que, como apresentado, aqui, a mulher tem a “vocação” de ser mãe e o eu-lírico expõe isso nitidamente, bem como deixa claras suas intenções com Marília nesse aspecto.

Finalmente, compreendemos não só o poema, mas a própria análise produzida em sala, suas dificuldades e facilidades e suas relações. Isto nos revela tanto a importância do exercício como um todo, como as conexões que devem ser estabelecidas entre os estratos que constituem a leitura crítica de poemas para que ela seja completa e assertiva. Em conclusão, os pontos aqui expostos demonstram a relevância do exercício que deve ser explorado futuramente em nossa prática docente, tendo em vista o conhecimento obtido em relação ao conteúdo.



REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. São Paulo: Itatiaia, 1997, vol. I.
- CASTELLO, José Aderaldo. *A Literatura Brasileira: origens e unidades*. São Paulo: Edusp, 1999. vol I.
- GONZAGA, Tomás Antônio. *Marília de Dirceu*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.
- RONCARI, Luiz. *Literatura Brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2002.
- SANTOS, Maria José Moutinho. *Perspectivas sobre a situação da mulher no século XVIII*. Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1981, p. 35-48.
- ZANCHET, Maria Beatriz. *Abordagem dos níveis/ estratos para leitura de poemas*. Marechal Cândido Rondon: Unioeste, 2012. (Material xerocopiado)